

Deborah Harkness

Autora de *A DESCOBERTA DAS BRUXAS*
e *SOMBRA DA NOITE*

O LIVRO DA VIDA

ROCCO

Deborah Harkness



Tradução de Márcia Frazão

ROCCO

Para Karen, que sabe por quê

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Agradecimientos

Créditos

A Autora

*Não é o mais forte da espécie que sobrevive,
nem o mais inteligente.*

Quem sobrevive é o que mais se adapta à mudança.

– PHILIPPE DE CLERMONT,
EM GERAL, ATRIBUÍDO A CHARLES DARWIN

Sol em Câncer

O signo do caranguejo diz respeito a casas, terras e tesouros, e ao que está escondido. Ele é a quarta casa do zodíaco. E significa a morte e o fim das coisas.

– Anonymous English Commonplace Book, c. 1590,

Gonçalves MS 4890, f. 8^r



Fantasma não tinham muita substância. Eram todos compostos de memórias e coração. No alto de uma das torres de Sept-Tours, Emily Mather comprimiu a mão diáfana no centro do próprio peito que até então pesava de medo.

Será que um dia isso ficará mais fácil? A voz e todo o resto de Emily eram quase imperceptíveis. Espiar? Esperar? Saber?

Não que eu tenha reparado, retrucou secamente Philippe de Clermont. Empoleirado por perto, ele observava os próprios dedos transparentes. Dentre todas as coisas que Philippe não gostava na condição de morto – não poder tocar na esposa Ysabeau; não dispor de olfato e paladar e nem de músculos para uma boa luta –, a invisibilidade estava no topo da lista. Isso era um lembrete constante do quão insignificante ele se tornara.

O rosto de Emily se fechou e Philippe se amaldiçoou em silêncio. Desde que ele tinha falecido, a bruxa era uma companheira sempre presente, com quem podia dividir a solidão. O que ele estava pensando quando esbravejou como se ela fosse uma serva?

Talvez fique mais fácil quando eles não precisarem mais de nós, disse Philippe em tom mais suave. Se ele era o fantasma mais experiente, Emily é que compreendia a situação metafísica de ambos. O que a bruxa acabava de dizer contradizia tudo em que ele acreditava a respeito do além. Philippe achava que os vivos podiam ver os mortos *quando* precisavam de alguma coisa: assistência, perdão, retribuição. Emily insistia que isso não passava de um mito humano, e que só quando os vivos secavam as lágrimas e seguiam em frente é que os mortos apareciam para eles.

Essa informação tornou o fracasso de Ysabeau em percebê-lo um pouco mais fácil de suportar, mas não muito.

– Mal posso esperar para ver a reação de Em. Ela vai ficar tão surpresa. – A voz calorosa e alta de Diana flutuou até as ameias.

Diana e Matthew, disseram Emily e Philippe em uníssono, abaixando os olhos para o pátio pavimentado que circundava o castelo.

Lá, disse Philippe apontando para o caminho. Mesmo morto, sua visão de vampiro ainda era mais acentuada que a de qualquer ser humano. E ele continuava sendo mais bonito que qualquer ser humano, com seus ombros largos e seu sorriso diabólico. O mesmo sorriso que ele lançou para Emily que não pôde deixar de retribuir. *Formam um bonito casal, não é? Veja quanto o meu filho mudou.*

Geralmente os vampiros não mudavam com o passar do tempo, de modo que Emily esperava ver o mesmo cabelo que de tão negro brilhava azulado, os mesmos olhos verde-acinzentados que vez por outra assumiam o tom frio e distante de um mar de inverno, a mesma pele pálida e a mesma boca larga. Mas algumas diferenças sutis eram perceptíveis, como sugerira Philippe. O cabelo de Matthew estava mais curto e agora uma barba o fazia parecer ainda mais perigoso, como um pirata. Ela engasgou.

Matthew está... maior?

Está. Fui eu que o engordei quando ele esteve aqui com Diana em 1590. Os livros o estavam deixando franzino. Matthew precisava lutar mais e ler menos. Philippe sempre rejeitara o excesso de educação. Matthew era uma prova viva disso.

Diana também parece diferente. Com aquele cabelo longo e acobreado ficou parecida com a mãe, disse Em, reconhecendo a mudança mais óbvia na sobrinha.

Diana tropeçou em um seixo do calçamento e a mão de Matthew disparou para ampará-la. Um dia aquele incessante adejar de Matthew tinha sido para Emily, um sinal de superproteção vampiresca. E agora, com a perspicácia de um fantasma, ela se dava conta de que isso decorria de um conhecimento sobrenatural de cada mudança de expressão, de cada mudança de humor e de cada sinal de fadiga ou de fome de Diana. Mas a preocupação de Matthew parecia ainda mais concentrada e apurada.

Não é só o cabelo de Diana que mudou. O rosto de Philippe expressiu divagação. Diana está grávida... esperando um filho de Matthew.

Emily observou a sobrinha com mais cuidado, com a compreensão aprimorada da verdade propiciada pela morte. Philippe estava certo... em parte. *Você quer dizer “os filhos”.* *Diana está grávida de gêmeos.*

Gêmeos, disse Philippe espantado. Seus olhos se desviaram distraídos pela chegada da esposa. *Olhe lá, Ysabeau e Sarah junto a Sophie e Margaret.*

O que vai acontecer agora, Philippe? Emily estava com o coração cada vez mais pesado de expectativa.

Finais. Começos, respondeu Philippe, deliberadamente vago. *Mudanças.*

Diana nunca gostou de mudanças, replicou Emily.

Isso porque ela tem medo do que poderá se tornar, disse Philippe.

Marcus Whitmore enfrentara inúmeros horrores depois daquela noite em 1781 em que se tornara vampiro pelas mãos de Matthew de Clermont. Ninguém o preparara para a provação de contar para Diana Bishop que sua amada tia Emily Mather estava morta.

Marcus tinha recebido o telefonema de Ysabeau quando ele e Nathaniel Wilson assistiam ao noticiário da televisão na biblioteca da família. Sophie, a mulher de Nathaniel, e a bebê, Margaret, cochilavam no sofá ao lado.

– O templo. – Foi o que Ysabeau disse sem fôlego e frenética. – Venha. Rápido.

Marcus obedeceu à avó sem questionar. Enquanto saía pela porta só teve tempo para gritar pelo seu primo Gallowglass e sua tia Verin.

A meia-luz do anoitecer de verão estava um pouco mais clara quando Marcus se aproximou da clareira no alto da montanha, iluminada por um poder sobrenatural que ele vislumbrou por entre as árvores. De cabelo eriçado, ficou atento à magia no ar.

E depois farejou o odor da presença de um vampiro, Gerbert de Aurillac. E de mais alguém... uma bruxa.

Uma luz, um passo decidido soou pelo corredor de pedra, trazendo Marcus do passado ao presente. A pesada porta se abriu com um rangido, como de costume.

– Olá, meu amor. – Marcus apagou a lembrança da paisagem do campo de Auvergne e respirou fundo. O odor de Phoebe Taylor lembrava o emaranhado dos pés de lilás que floresciam no lado externo da porta vermelha da fazenda da família. Delicada e resoluta, em outros tempos era uma fragrância que simbolizava a esperança da primavera, após o longo inverno de Massachusetts, e conjurava o sorriso largo e compreensivo da mãe de Marcus. E agora isso só o fazia pensar na pequena e voluntariosa mulher à sua frente.

– Tudo vai ficar bem. – Phoebe estendeu a mão, com os olhos esverdeados de preocupação, e endireitou o colarinho de Marcus. Ele tinha trocado as camisetas pelas roupas formais depois que começou a assinar a correspondência como Marcus de Clermont e não como Marcus Whitmore, nome pelo qual ela o conhecia na época em que ele ainda não falava de vampiros, de pais de mil e quinhentos anos de idade, de castelos franceses repletos de parentes proibidos e de uma bruxa chamada Diana Bishop. Na opinião de Marcus, o fato de Phoebe ter permanecido com ele não era

nada menos que um milagre.

– Não vai, não. – Ele beijou a palma da mão de Phoebe. Ela não conhecia Matthew. – Fique aqui com Nathaniel e os outros. Por favor.

– Pela última vez, Marcus Whitmore, eu estarei do seu lado quando você receber o seu pai e a esposa dele. Acho que não devemos discutir mais esse assunto. – Ela estendeu a mão. – Ou devemos?

Marcus segurou a mão de Phoebe, mas em vez de segui-la porta fora como era esperado, puxou-a para si. Ela aninhou-se no peito dele, comprimindo o próprio coração com uma das mãos e com a outra, o dele. E depois olhou para ele surpreendida.

– Está bem. Mas haverá condições se você for comigo, Phoebe. Em primeiro lugar, ficará comigo ou com Ysabeau o tempo todo.

Phoebe abriu a boca para protestar, mas o olhar sério de Marcus silenciou-a.

– Em segundo lugar, se eu lhe mandar sair da sala, você terá que sair. Sem delongas. Sem perguntas. E irá direto até Fernando. Ele estará na capela ou na cozinha. – A aceitação relutante de Phoebe não passou despercebida a Marcus. – Em terceiro lugar, sob hipótese alguma, não caia na besteira de ficar ao alcance do braço do meu pai. De acordo?

Phoebe assentiu. Como qualquer bom diplomata, ela estava preparada para seguir as regras de Marcus – por ora. Mas faria o que devia fazer se o pai de Marcus realmente fosse o monstro pintado por alguns na casa.

Fernando Gonçalves derramou os ovos batidos na frigideira quente, cobrindo as batatas douradas que estavam na panela. Sua *tortilla* espanhola era um dos poucos pratos que Sarah Bishop conseguia ingerir, e depois de todos aqueles dias a viúva precisava de substância.

Gallowglass sentou-se à mesa da cozinha e começou a catar gotículas de cera na rachadura da madeira antiga. Musculoso e com o cabelo louro à altura do pescoço, ele parecia um urso rabugento. Suas tatuagens serpenteavam em torno dos antebraços e dos bíceps em coloridos redemoinhos brilhantes cujos temas revelavam o que lhe passava pela mente naquele momento. Isso porque nos vampiros as tatuagens só duravam alguns meses, de modo que os braços de Gallowglass cobertos de nós celtas, runas e animais fabulosos extraídos dos mitos e lendas nórdicos e gaélicos indicavam

que ele pensava a respeito de suas próprias raízes.

– Deixe de se preocupar. – A voz de Fernando soou tão cálida e refinada quanto um xerez envelhecido em barris de carvalho.

Gallowglass ergueu os olhos e logo os desviou para a cera.

– Gallowglass, ninguém impedirá Matthew de fazer o que deve ser feito. Vingança a morte de Emily é uma questão de honra. – Fernando afastou-se do fogo e deslizou pelas lajotas do piso com pés descalços e silenciosos para juntar-se a Gallowglass à mesa. Enquanto caminhava ele abaixou as mangas da camisa branca e ainda limpa, mesmo depois de ter passado algumas horas na cozinha. Depois, enfiou a camisa no cós da calça e passou os dedos no cabelo escuro e ondulado.

– Você sabe que Marcus vai tentar assumir a culpa – disse Gallowglass. – Mas o rapaz não é culpado pela morte de Emily.

Considerando as circunstâncias, a cena na montanha tinha sido estranhamente pacífica. Gallowglass chegara ao templo logo depois de Marcus. Não havia nada além de silêncio e da visão de Emily Mather ajoelhada dentro de um círculo marcado com pedras claras. A expressão do bruxo Peter Knox que cravava as mãos na cabeça de Emily era antecipatória – talvez até de fome. Gerbert de Aurillac, o vampiro vizinho dos De Clermont, olhava com interesse.

– Emily! – O grito angustiado de Sarah rasgou o silêncio com tanta força que até Gerbert recuou. Assustado, Knox soltou Emily que tombou ao chão inconsciente. Sarah atingiu o bruxo Knox com uma única e poderosa magia que o mandou pelos ares em direção ao lado oposto da clareira.

– Marcus não a matou – disse Fernando, chamando a atenção de Gallowglass. – Mas a negligência...

– Inexperiência – Gallowglass interpôs.

– A negligência de Marcus teve um papel na tragédia. Ele sabe disso e assume a responsabilidade por isso – acrescentou Fernando.

– Marcus não pediu para estar no comando – resmungou Gallowglass.

– Não. Fui eu que o nomeei para o posto, e Matthew também achou que era uma decisão certa. – Fernando apertou o ombro de Gallowglass de passagem e retornou ao fogão.

– Foi por isso que você veio? Porque se sentiu culpado por se recusar a liderar a irmandade quando Matthew pediu sua ajuda? – Ninguém ficara mais surpreso que

Gallowglass quando Fernando apareceu em Sept-Tours. Fernando evitava esse lugar desde a morte do pai de Gallowglass, Hugh de Clermont, no século XIV.

– Estou aqui porque Matthew ficou do meu lado depois que o rei francês executou Hugh. Eu estava sozinho no mundo, só acompanhado pela minha dor. – O tom de Fernando soou duro. – E me recusei a liderar os Cavaleiros de Lázaro porque não sou um De Clermont.

– Você foi companheiro do pai! – protestou Gallowglass. – Você é um De Clermont, como o são Ysabeau e os filhos dela!

Fernando fechou a porta do forno com cuidado.

– *Eu* sou companheiro de Hugh – disse ainda de costas. – Seu pai nunca estará no pretérito para mim.

– Desculpe-me, Fernando – disse Gallowglass aflito. Fazia quase sete séculos que Hugh estava morto e Fernando ainda não se recuperara da perda. Gallowglass já duvidava de que ele pudesse se recuperar algum dia.

– Quanto a eu ser um De Clermont – continuou Fernando, ainda de olhos fixos na parede sobre o fogão –, Philippe não concordava com isso.

Gallowglass retomou a nervosa colheita dos pedacinhos de cera. Fernando encheu dois copos de vinho tinto e os levou à mesa.

– Aqui – disse, empurrando um copo para Gallowglass. – Hoje, você também vai precisar de sua força.

Marthe irrompeu na cozinha. A governanta de Ysabeau que governava essa área do castelo não estava satisfeita com intrusos em seus domínios. Depois de lançar olhares azedos para Fernando e Gallowglass enquanto farejava o ar, ela abriu o forno.

– Essa é a minha melhor panela! – disse em tom acusador.

– Eu sei. E por isso a estou usando – retrucou Fernando, tomando um gole de vinho.

– A cozinha não é o seu lugar, dom Fernando. Suba as escadas. E leve Gallowglass junto. – Marthe pegou um pacote de chá e um bule da prateleira próxima à pia. E depois fechou a carranca ao ver um bule envolto em uma toalha assentado sobre uma bandeja ao lado de xícaras, pires, leite e açúcar.

– O que há de errado com minha presença aqui? – perguntou Fernando.

– Você não é um criado – disse Marthe, puxando a tampa do bule e cheirando o conteúdo com desconfiança.

– É o favorito de Diana. Você me disse que ela gostava, lembra? – Fernando sorriu com ar tristonho. – Marthe, todo mundo nesta casa serve os De Clermont. A única diferença é que você, Alain e Victoire são muito bem pagos para fazer isso. O que se espera do restante de nós é que sejamos gratos pelo privilégio.

– Com uma boa razão. Outro *manjasang* sonhando em fazer parte desta família. Dom Fernando, trate de se lembrar disso no futuro... e do limão – disse Marthe, enfatizando o título de nobreza. Ela pegou a bandeja de chá. – De qualquer forma, os ovos estão queimando.

Fernando pulou para salvá-los.

– E quanto a você – continuou Marthe, com seus olhos negros fixos em Gallowglass –, você não nos disse tudo o que sabia a respeito de Matthew e a esposa dele.

Gallowglass olhou para o vinho com uma expressão de culpa.

– *Madame*, sua avó lidará com você mais tarde.

Após o comentário jocoso, Marthe saiu da cozinha.

– O que você fez agora? – perguntou Fernando, pondo a *tortilla* sobre o fogão... não estava queimada, *Alhamdulillah*. Por uma longa experiência ele sabia que apesar de toda a confusão, Gallowglass tinha feito tudo com boa intenção e total negligência para um possível desastre.

– Beeem! – exclamou Gallowglass, alongando as vogais como só um escocês o faria. – Eu poderia ter deixado uma ou duas coisas fora da história.

– Como o quê? – perguntou Fernando, captando uma brisa catastrófica por entre os aromas caseiros da cozinha.

– Como o fato de que a titia está grávida de ninguém menos que Matthew. E o fato de que vovô a adotou como filha. Meu Deus, ele fez um voto de sangue ensurdecador.

– Gallowglass pareceu reflexivo. – Você acha que ainda seremos capazes de ouvi-lo?

Fernando empinou-se boquiaberto e calado.

– Não olhe para mim desse jeito. Não me pareceu certo compartilhar a notícia sobre o bebê. As mulheres podem ser esquisitas quanto a essas coisas. E antes de morrer, em 1945, Philippe comentou sobre o voto de sangue para tia Verin e ela também nunca disse uma palavra! – Gallowglass pôs-se na defensiva.

Um abalo rasgou o ar como uma bomba detonada no silêncio. Algo verde e ardente passou pela janela da cozinha.

– Que diabo foi isso? – Fernando abriu a porta e protegeu os olhos da luz do sol brilhante.

– Uma bruxa irada, é o que imagino. – O tom de Gallowglass soou triste. – Talvez Sarah tenha contado a notícia sobre Emily para Diana e Matthew.

– Não, a explosão. Aquilo! – Fernando apontou para o sino da torre de Saint-Lucien, circundado por uma criatura alada de duas pernas que cuspiu fogo.

Gallowglass levantou-se para observar.

– É Corra. Ela segue a titia para tudo quanto é canto – disse categoricamente.

– Mas aquilo é um *dragão*. – Fernando se voltou com olhos selvagens para o enteado.

– Bah! Aquilo não é um dragão qualquer. Não está vendo que só tem duas pernas? Corra é um dragão de fogo. – Gallowglass torceu o braço para mostrar a tatuagem de uma criatura alada parecida com aquela outra no ar. – Como isto aqui. Posso ter deixado um ou dois detalhes de fora, mas avisei a todos que tia Diana não seria a mesma bruxa de antes.

– É verdade, querida. Emily está morta. – Contar isso para Diana e Matthew era estressante demais para Sarah. Ela podia jurar que tinha visto um dragão. Fernando estava certo. Ela precisava cortar o uísque.

– Não acredito em você. – A voz de Diana soou alta e aguda de pânico. Ela percorreu o grande salão de Ysabeau, como se esperando encontrar Emily escondida atrás de algum dos sofás adornados.

– Emily não está aqui, Diana. – A voz abafada de Matthew se infundiu de pesar e ternura quando ele se pôs frente a ela. – Emily se foi.

– Não. – Diana tentou empurrá-lo para passar e continuar a busca, mas ele a puxou para seus braços.

– Sinto muito, Sarah – disse Matthew, apertando Diana contra o próprio corpo.

– Sem essa de que sente muito! – disse Diana aos gritos, lutando para se libertar do abraço inquebrantável do vampiro e depois esmurrando o ombro dele. – Em não está morta! Isso é um pesadelo. Acorde-me, Matthew, por favor! Quero acordar e descobrir que ainda estamos em 1591.

– Isso não é um pesadelo – disse Sarah. Longas semanas a tinham convencido de que a morte de Em era terrivelmente real.

– Então, ou tomei um caminho errado ou fiz um nó malfeito no feitiço para viajar no tempo. Este não pode ser o lugar onde deveríamos parar! – A dor e o choque fizeram Diana tremer da cabeça aos pés. – Em me prometeu que jamais iria embora sem dizer adeus.

– Em não teve tempo de se despedir de ninguém. Mas isso não significa que ela não a amava. – Sarah dizia isso para si mesma umas cem vezes por dia.

– É melhor Diana se sentar – disse Marcus, puxando uma cadeira para perto de Sarah. De certo modo, o filho de Matthew parecia o mesmo surfista de vinte e poucos anos que entrara na casa das Bishop no outubro anterior. Seu cordão de couro, com uma estranha variedade de objetos reunidos ao longo dos séculos, ainda se emaranhava nos cabelos louros à sua nuca. E seus amados tênis de cano alto ainda estavam em seus pés. Mas o ar de resguardo e a tristeza nos olhos eram novos.

Embora grata pela presença de Marcus e Ysabeau, a pessoa que Sarah realmente queria ao lado naquele momento era Fernando. Ele tinha sido uma rocha durante aquele período de provação.

– Obrigado, Marcus – disse Matthew, assentando Diana na cadeira. Phoebe estendeu um copo d’água até a mão de Diana, que se limitou a olhá-lo com indiferença. Matthew pegou o copo e o colocou sobre uma mesinha próxima.

Todos os olhos pousaram em Sarah.

Ela não era boa nesse tipo de coisa. Diana era a historiadora da família, ela saberia por onde começar e como desenrolar os confusos eventos da história, tornando-a coerente – com começo, meio e fim – e talvez até achando uma explicação plausível para a morte de Emily.

– Não há uma forma fácil de dizer isso. – A tia de Diana começou a falar.

– Você não precisa nos dizer nada – disse Matthew, com olhos de compaixão e simpatia. – As explicações podem esperar.

– Não. Vocês dois precisam saber. – Sarah pegou o copo de uísque que geralmente estava ao lado, mas que agora estava vazio. Olhou para Marcus com um apelo mudo.

– Emily morreu no velho templo – disse Marcus, ocupando o papel de narrador da história.

– O templo dedicado à deusa? – sussurrou Diana, com a sobrancelha vincada pelo esforço de se concentrar.

– Sim – grunhiu Sarah, tossindo para desalojar o nó na garganta. – Emily passava

cada vez mais tempo naquele lugar.

– Ela estava sozinha? – A expressão de Matthew já não estava mais calorosa e compreensiva, e seu tom era gelado.

Fez-se outro silêncio pesado e desajeitado.

– Emily nunca levava ninguém – disse Sarah, esforçando-se para ser honesta. Diana também era bruxa e perceberia se ela se desviasse da verdade. – Marcus tentou convencê-la a levar alguém, mas Emily se recusou.

– Por que ela queria ficar sozinha? – perguntou Diana, flagrando o mal-estar de Sarah. – O que estava acontecendo, Sarah?

– Desde janeiro Em se dedicava a magias mais elevadas a fim de orientação. – Sarah desviou o olhar da expressão chocada de Diana. – Ela estava com terríveis premonições de morte e desastre e achei que isso poderia ajudá-la a descobrir por quê.

– Mas Em sempre dizia que essas magias mais elevadas eram sombrias demais para que as bruxas pudessem lidar com segurança – disse Diana, erguendo a voz novamente. – Ela dizia que as bruxas que se achavam imunes a tais perigos acabavam descobrindo da maneira mais difícil o quão poderosas eram essas magias.

– E dizia isso por experiência própria – disse Sarah. – Essas magias podem ser viciosas. Emily não queria que você soubesse que ela também tinha sido fisgada, querida. Durante décadas ela se absteve de tocar em pedras de clarividência ou de evocar espíritos.

– Evocar espíritos? – Os olhos de Matthew estreitaram em fendas, e sua barba escura se mostrou aterrorizante.

– Acho que ela estava tentando se aproximar de Rebecca. Se eu tivesse percebido que Emily tinha chegado muito longe nessas tentativas, eu teria feito de tudo para detê-la. – Os olhos de Sarah se marejaram. – Peter Knox deve ter sentido que ela estava trabalhando com o poder da alta magia e isso sempre o fascinou. E uma vez que a encontrou...

– Knox? – disse Matthew baixinho, mas os pelos da nuca de Sarah se arrepiaram em advertência.

– Knox e Gerbert também estavam lá quando encontramos Em – explicou Marcus, com ar miserável por admitir. – Emily sofreu um ataque cardíaco. Talvez pela enorme tensão na tentativa de resistir às investidas de Knox. Ela estava quase inconsciente. Eu e Sarah tentamos reanimá-la. Mas já não havia nada que pudéssemos fazer.

– Por que Gerbert e Knox estavam aqui? E o que Knox esperava ganhar ao matar Em? – gritou Diana.

– Não acho que Knox quisesse matá-la, querida – respondeu Sarah. – Knox estava lendo os pensamentos dela ou no mínimo tentando lê-los. Eis as últimas palavras de Emily: “Conheço o segredo do Ashmole 782 e você nunca irá possuí-lo.”

– Ashmole 782? – Diana pareceu atordoada. – Você tem certeza?

– Absoluta. – Sarah desejou que a sobrinha nunca tivesse encontrado aquele maldito manuscrito na Biblioteca Bodleiana. Grande parte dos problemas daquele momento se devia ao tal manuscrito.

– Knox insistia que os De Clermont estavam com as folhas perdidas do manuscrito de Diana do qual eles conheciam os segredos – opinou Ysabeau. – Eu e Verin argumentamos que isso era um engano, mas o único assunto que o distraía era o bebê Margaret.

– Nathaniel e Sophie seguiram Gerbert e Knox até o templo. Levaram Margaret junto – explicou Marcus em resposta ao olhar atônito de Matthew. – Antes de Emily cair inconsciente, Knox viu Margaret e exigiu que lhe dissessem como dois demônios tinham dado à luz uma bruxinha. Knox invocou o acordo e ameaçou levar Margaret para uma investigação pendente da Congregação que ele chamou de “violações graves” da lei. Ele e Gerbert acabaram fugindo enquanto tentávamos reanimar Emily e retirar a criança em segurança.

Até algum tempo antes Sarah concebia a Congregação e o acordo como males necessários. Pois as três espécies sobrenaturais – demônios, vampiros e bruxas – tinham dificuldade de viver entre os humanos. E por terem sido alvos do medo e da violência humana em alguns momentos da história, concordaram em firmar um pacto em tempos de outrora para minimizar o risco de chamar a atenção humana para o mundo das criaturas. O pacto restringiu a confraternização entre as espécies, bem como qualquer participação na religião ou na política dos humanos. Depois de firmar o acordo, os nove membros da Congregação trataram de garantir que as criaturas respeitassem os seus termos. E agora que Diana e Matthew estavam em casa, Sarah finalmente podia desejar que a Congregação e o acordo fossem para o inferno.

Diana girou a cabeça, a descrença passou nos seus olhos.

– Gallowglass – ela disse respirando a maresia que inundou o salão.

– Bem-vinda ao lar, titia. – Gallowglass se aproximou, sua barba irradiou um

brilho dourado no ponto onde incidia a luz do sol. Diana olhou espantada para ele antes de soltar um soluço.

– Aqui, aqui. – Gallowglass ergueu-a com um abraço de urso. – Já faz muito tempo que uma mulher chorou por me ver. Sem falar que eu é que deveria chorar nesse nosso encontro. E olhe que se passaram apenas alguns dias desde a última vez em que nos encontramos. Mas pelas minhas contas já faz alguns séculos.

Algo numinoso irradiou em volta de todo o corpo de Diana, como se uma vela recuperasse lentamente a luz. Sarah piscou os olhos. Ela precisava mesmo parar com a bebida.

Matthew e seu sobrinho se entreolharam. E o semblante de Matthew mostrou-se ainda mais preocupado quando as lágrimas e o brilho que circundava Diana se intensificaram.

– É melhor que Matthew a leve lá para cima. – Gallowglass enfiou a mão no bolso, tirou um lenço amarelo amassado e o estendeu para Diana, protegendo-a zelosamente da vista.

– Está tudo certo com ela? – perguntou Sarah.

– Só um pouco cansada – disse Gallowglass enquanto empurrava Diana com ajuda de Matthew em direção aos remotos aposentos da torre de Matthew.

Depois que Diana e Matthew saíram, a frágil compostura de Sarah rachou e isso a fez chorar. Se a lembrança dos acontecimentos da morte de Em ocorria diariamente, isso se tornava ainda mais doloroso junto com Diana. Fernando surgiu à frente com ar pesaroso.

– Tudo bem, Sarah. Chore – murmurou, puxando-a para mais perto.

– Onde você estava quando precisei de você? – ela perguntou quando o pranto se converteu em soluços.

– Estou aqui agora – ele respondeu, embalando-a suavemente. – E Diana e Matthew já estão em segurança em casa.

– Não consigo parar de tremer. – Os dentes de Diana batiam e seus membros sacolejavam, como se manobrados por fios invisíveis. Gallowglass apertou os lábios e deu um passo para trás enquanto Matthew envolvia a esposa com um cobertor fortemente apertado.

– É o choque, *mon coeur* – murmurou Matthew, beijando-a na bochecha. A aflição

não se devia apenas à morte de Emily, mas também às lembranças do passado, à perda traumática dos pais de Diana. Ele esfregou o cobertor nos braços dela. – Você pode pegar um pouco de vinho, Gallowglass?

– Eu não devia. Os bebês... – Diana iniciou a frase. Suas feições se tornaram selvagens e as lágrimas retornaram. – Eles nunca conhecerão Em. Nossos filhos crescerão sem conhecer Em.

– Aqui. – Gallowglass estendeu um frasco de prata para Matthew que o olhou com gratidão.

– Melhor ainda – disse Matthew, puxando a rolha. – Só um gole, Diana. Isso não fará mal aos gêmeos e poderá acalmá-la. Vou pedir a Marthe que traga um chá-preto com bastante açúcar.

– Eu vou matar Peter Knox – disse Diana com ar feroz depois que tomou um gole de uísque. A luz ao redor dela tornou-se mais brilhante.

– Não hoje, não hoje – retrucou Matthew com firmeza enquanto entregava o frasco para Gallowglass.

– O *glaem* da tia passou a brilhar com mais intensidade depois que vocês retornaram? – Gallowglass não via Diana Bishop desde 1591 e não se lembrava de que isso era tão perceptível.

– Sim. É um feitiço de disfarce que ela está usando. Talvez o choque a tenha perturbado – disse Matthew, acomodando-a no sofá. – Diana queria que Emily e Sarah desfrutassem a ideia de que estavam prestes a se tornar avós, antes que começassem a lhe fazer perguntas sobre o aumento do seu poder.

Gallowglass reprimiu um improperio.

– Já está melhor? – perguntou Matthew, levando os dedos de Diana até os lábios.

Diana assentiu. Seus dentes ainda batiam, e Gallowglass percebeu. Foi doloroso pensar no esforço que ela devia estar fazendo para se controlar.

– Sinto muito sobre Emily – disse Matthew, segurando o rosto de Diana entre as mãos.

– Também somos culpados? Será que ficamos muito tempo no passado, como disse papai? – perguntou Diana tão baixinho que até mesmo Gallowglass teve dificuldade para ouvir.

– Claro que não – replicou Gallowglass em tom brusco. – Peter Knox fez isso. Ninguém mais é culpado.

– Não vamos nos preocupar com quem é culpado – disse Matthew, se bem que com os olhos faiscando de raiva.

Gallowglass fez um aceno de que tinha entendido. Matthew teria muito a dizer sobre Knox e Gerbert... mais tarde. Por ora ele se preocuparia com a esposa.

– Emily gostaria que você se concentrasse em cuidar de si mesma e de Sarah. Isso é o suficiente por agora. – Matthew afastou as mechas acobreadas coladas ao rosto de Diana com o sal das lágrimas.

– É melhor eu voltar lá para baixo – disse Diana, levando a brilhante bandana amarela de Gallowglass até os olhos. – Sarah precisa de mim.

– Fique um pouco mais aqui. Espere até que Marthe traga o chá – disse Matthew, sentando-se ao lado de Diana. Ela colou-se encolhida ao peito dele, os soluços escapavam alternadamente enquanto ela tentava conter as lágrimas.

– Vou deixar vocês dois a sós – disse Gallowglass abruptamente.

Matthew assentiu em silencioso agradecimento.

– Obrigada, Gallowglass. – Diana estendeu o lenço.

– Fique com isso – ele disse, voltando-se para a escada.

– Estamos sozinhos. Já não precisa mais ser forte – sussurrou Matthew enquanto Gallowglass descia pela escada em caracol.

Matthew e Diana continuaram entrelaçados como um nó inquebrantável, com as feições contorcidas de dor e tristeza e reconfortando um ao outro de um modo que não podiam fazer por si mesmos.

Eu não devia ter convocado você aqui. Eu devia ter encontrado outra maneira de obter respostas. Emily se voltou para sua melhor amiga. Você devia estar com Stephen.

Prefiro estar aqui com minha filha a estar em qualquer outro lugar, disse Rebecca Bishop. *Stephen entende.* Ela observou a imagem de Diana e Matthew ainda entrelaçados em triste abraço.

Não tenha medo. Matthew cuidará dela, disse Philippe que ainda tentava decifrar Rebecca Bishop – ela era uma criatura extraordinariamente difícil e tão hábil em guardar segredos quanto qualquer vampiro.

Eles cuidarão um do outro, retrucou Rebecca, com a mão sobre o coração, *como eu já sabia que aconteceria.*



Matthew se apressou pela escada de pedra espiralada que serpenteava por entre os seus aposentos na torre de Sept-Tours e o piso principal do castelo. Evitou um ponto escorregadio no trigésimo degrau e uma beirada acidentada no décimo sétimo onde a espada de Baldwin se chocara durante uma de suas brigas.

Matthew construía a torre adicional como um refúgio privado, um lugar à parte da inesgotável agitação que sempre cercava Philippe e Ysabeau. As famílias de vampiros eram grandes e ruidosas, com duas ou mais linhagens sanguíneas desconfortavelmente unidas na tentativa de viver como um bando feliz. Isso raramente acontecia entre os predadores, nem mesmo entre os que andavam sobre duas pernas e viviam em belas casas. Como resultado, a torre de Matthew fora projetada principalmente para defesa. Sem portas para abafar abordagens furtivas de vampiros e sem caminhos de saída, exceto um único de entrada. Esses arranjos cuidadosos demonstravam claramente as relações que ele mantinha com irmãos e irmãs.

Naquela noite o isolamento da torre mais parecia um confinamento, se comparado à vida movimentada que ele e Diana tinham estabelecido na Londres elisabetana, rodeados por família e amigos. O trabalho de Matthew como espião da rainha tinha sido um desafio mais gratificante, pois no seu antigo posto na Congregação ele negociara para que bruxos e bruxas escapassem da forca. E Diana iniciara um longo processo de ampliação dos seus poderes de bruxa. Eles também tinham acolhido duas crianças órfãs e lhes propiciado a chance de um futuro melhor. A vida do casal no século XVI nem sempre era fácil, mas foram dias preenchidos pelo amor e a esperança que acompanhava Diana para onde quer que fosse. Já em Sept-Tours eles pareciam cercados por todos os lados pela morte e pelos De Clermont.

Tal combinação deixava Matthew inquieto, e a raiva que ele mantinha zelosamente sob controle sempre que Diana estava por perto se aproximava perigosamente da superfície. A ira do sangue – doença que Matthew herdara de Ysabeau, que o criara – geralmente dominava a mente e o corpo dos vampiros com muita rapidez, sem deixar

espaço nem para a razão nem para o controle. No esforço de manter a ira do sangue controlada, Matthew concordara com certa relutância em deixar Diana sob os cuidados de Ysabeau para caminhar pelos terrenos que circundavam o castelo a fim de clarear a cabeça, acompanhado de seus cães Fallon e Hector.

Enquanto isso, Gallowglass cantava uma canção de marinheiro no grande salão do castelo. Por razões que Matthew não conseguia entender, cada verso era pontuado por imprecações e ultimatos. Após um momento de indecisão, a curiosidade de Matthew acabou vencendo.

– Maldito dragão de fogo. – Gallowglass lentamente agitou no ar uma lança obtida no esconderijo de armas situado próximo à entrada. – *Adeus e adieu, damas de Espanha.* Traga o seu traseiro aqui embaixo, ou vovó vai te cozinhar em vinho branco para alimentar os cães. *Pois recebemos ordens de navegar até a velha Inglaterra.* Como ousas voar em volta da casa como um periquito demente? *E jamais veremos as damas de novo.*

– Que diabos você está fazendo? – perguntou Matthew.

Gallowglass girou seus olhos azuis. O sobrinho de Matthew vestia uma camiseta preta estampada com caveira e ossos cruzados, cuja parte de trás estava rasgada do ombro esquerdo ao quadril direito. Os orifícios em sua calça jeans pareciam resultar do desgaste e não da guerra, e seu cabelo desgrenhado rompia até mesmo os padrões gallowglassianos. Ysabeau costumava chamá-lo de “*Sir Vagabond*”, mas isso pouco servia para melhorar a apresentação do jovem.

– Tentando pegar a ferinha de sua esposa. – Gallowglass fez um súbito movimento com a lança para cima. Soou um guincho de surpresa seguido por uma chuva de escamas verdes esmaecidas que se espatifaram como vidro contra o piso. A penugem loura dos braços de Gallowglass brilhou com o pó iridescente esverdeado das escamas e o fez espirrar.

Corra – íntima de Diana – estalou a língua e agitou-se loucamente de garras fincadas na galeria dos menestréis. Acenou com a cauda farpada para Matthew, perfurando uma tapeçaria de valor inestimável que retratava um unicórnio dentro de um jardim. Matthew fez uma careta.

– Eu a tinha encurralado perto do altar na capela, mas Corra é uma mocinha astuta – disse Gallowglass, com um toque de orgulho. – Ela estava escondida de asas abertas no alto do túmulo do vovô, e a confundi com uma efígie. E olhe só para ela agora. Lá

no alto das vigas, vaidosa como o diabo e duas vezes mais encunqueira. Meu Deus, ela enfiou a cauda em uma das cortinas favoritas de Ysabeau. Vovó vai ter um derrame.

– Se Corra se parece mesmo com a dona dela, encurralá-la não vai acabar bem – disse Matthew docilmente. – Tente argumentar com ela.

– Oh, sim. Isso funciona muito bem com tia Diana. – Gallowglass fungou. – O que deu em você para deixar Corra fora de vista?

– Quanto mais esse dragão de fogo se ativa, mais Diana se acalma – disse Matthew.

– Talvez, mas Corra é um inferno para a decoração. Esta tarde ela quebrou um dos vasos De Sèvres da vovó.

– Desde que não tenha sido aquele de azul intenso com cabeças de leão que ela ganhou de Philippe, não tenho com que me preocupar – resmungou Matthew ao ver a expressão de Gallowglass. – *Merde.*

– Também foi essa a resposta de Alain. – Gallowglass inclinou-se sobre a lança.

– Ysabeau terá que se contentar com uma ou duas cerâmicas a menos – disse Matthew. – Corra pode ser um incômodo, mas pela primeira vez Diana está dormindo profundamente desde que voltou para casa.

– Ora, bem, isso é certo. Então, é só dizer para Ysabeau que a falta de jeito de Corra é boa para os netos. Vovó entregará os vasos como oferendas sacrificais. E de minha parte tentarei manter a megera em voo entretido para que titia consiga dormir.

– E como fará isso? – perguntou Matthew, com ceticismo.

– Cantando para ela, é claro. – Gallowglass olhou para cima. Corra silvou quando se viu observada e estendeu um pouco mais as asas para que recebessem a luz das tochas enfileiradas ao longo das paredes. Sentindo-se encorajado por isso, Gallowglass respirou fundo e começou a cantarolar outra balada.

– *Minha cabeça está virada, estou ardendo como chama. / Amo como qualquer dragão. / Saberias dizer o nome de minha amante?*

Corra estalou os dentes em aprovação. Gallowglass sorriu e moveu a lança como um metrônomo. Acenou com as sobrancelhas para Matthew antes de cantar o resto da balada.

Mandei bugigangas sem-fim para ela,

*Pedras e pérolas para deixar seu coração terno,
Até que não tendo mais nada para mandar,
Mandei-a... para o inferno.*

– Boa sorte – murmurou Matthew em tom sincero e torcendo para que Corra não tivesse entendido a letra.

Ele esquadrinhou os aposentos próximos, catalogando os ocupantes. Hamish lidava com documentos na biblioteca da família, concluiu isso ao ouvir o arranhar da caneta no papel enquanto farejava um débil odor de lavanda e hortelã-pimenta. Hesitou por um momento e depois abriu a porta.

– Tempo para um velho amigo? – perguntou.

– Eu já começava a pensar que você estava me evitando. – Hamish Osborne pousou a caneta e afrouxou a gravata com estamparia floral de verão que poucos homens teriam coragem de usar. Embora estivesse no campo francês, Hamish se vestia como se para uma reunião com membros do Parlamento, um terno risca de giz azul-marinho e uma camisa cor de lavanda. Isso o fazia parecer um antigo cavalheiro da época eduardiana.

Matthew percebeu que o demônio tentava provocar uma discussão. Já eram amigos desde a estada de ambos em Oxford algumas décadas antes. Era uma amizade baseada no respeito mútuo e fortalecida pela compatibilidade de seus afiados intelectos. Entre Hamish e Matthew até as mais simples trocas podiam ser tão complicadas e estratégicas quanto uma partida de xadrez entre dois mestres. Mas o diálogo mal começava para que Hamish se deixasse em desvantagem.

– Como vai Diana? – Hamish notou a deliberada recusa de Matthew em morder a isca.

– Tão bem quanto o esperado.

– Claro que eu teria perguntado para ela, mas o seu sobrinho me descartou. – Hamish pegou um copo de vinho e tomou um gole. – Vinho?

– É da minha adega ou da adega de Baldwin? – A pergunta aparentemente inócua de Matthew era um lembrete sutil de que ele e Diana já estavam de volta.

Hamish então teria que escolher entre Matthew e o resto dos De Clermont.

– É um clarete. – Ele girou o conteúdo no copo enquanto esperava pela reação do amigo. – Um vinho caro. Envelhecido. Ótimo.

Matthew fez uma careta.

– Não, obrigado. Nunca tive a mesma paixão por essa coisa como a maioria da minha família. – Ele preferia encher as fontes do jardim com o tão precioso estoque de vinho bordeaux de Baldwin a bebê-lo.

– Que história é essa de dragão? – Um músculo contraiu na mandíbula de Hamish, ou por diversão ou por raiva, Matthew não soube ao certo. – Gallowglass disse que Diana o trouxe como lembrança, mas ninguém acredita nisso.

– O dragão pertence à Diana – disse Matthew. – Terá que perguntar para ela.

– Você sabe que todos em Sept-Tours tremem nas bases por você. – Com essa mudança abrupta de assunto, Hamish aproximou-se. – Eles ainda não perceberam que o mais aterrorizado no castelo é *você*.

– E como está William? – Matthew podia mudar vertiginosamente de assunto com a mesma eficácia de qualquer demônio.

– O doce William plantou suas afeições em outro lugar. – Hamish afastou-se com um esgar de boca, uma angústia visível que trouxe ao jogo um inesperado fechamento.

– Sinto muito, Hamish. – Matthew chegara a pensar que o relacionamento duraria. – William o amava.

– Não o suficiente. – Hamish deu de ombros, mas sem disfarçar a dor nos olhos. – Talvez seja melhor projetar suas esperanças românticas em Marcus e Phoebe.

– Eu quase não falei com a garota – disse Matthew, suspirando e servindo-se de um copo do vinho clarete de Baldwin. – O que tem a me dizer sobre ela?

– A jovem srta. Taylor trabalha em uma casa de leilão em Londres. Sotheby's ou Christie's. Sempre confundo as duas – disse Hamish, afundando na poltrona de couro em frente à lareira fria. – Marcus conheceu-a quando arrematava algo para Ysabeau. Acho que o caso é sério.

– Pois é. – Matthew percorreu as estantes que cobriam as paredes enquanto tomava o vinho. – Marcus está impregnado com o cheiro da garota. Ele está apaixonado.

– Eu já suspeitava disso. – Hamish se pôs a beber enquanto assistia aos movimentos inquietos do amigo. – Ninguém disse nada, claro. Sua família realmente poderia ensinar uma ou duas coisas sobre segredos ao MI6.

– Ysabeau devia ter impedido esse romance. Phoebe é muito jovem para se relacionar com um vampiro – disse Matthew. – Ela não deve ter mais de vinte e dois anos, e mesmo assim Marcus enredou-a nesse vínculo irrevogável.

– Oh, sim, proibir Marcus de se apaixonar teria abalado o tratado. – O sotaque escocês de Hamish se redobrou com a diversão. – Pelo que parece, quando se trata de amor Marcus é tão teimoso quanto você.

– Se ele tivesse pensado no seu trabalho como líder dos Cavaleiros de Lázaro, talvez...

– Pare aí, Matt, antes de dizer algo injusto que me faria nunca perdoá-lo por isso. – A voz de Hamish foi cortante. – Você sabe quanto é difícil ser o grande mestre da fraternidade. Esperava-se que Marcus fosse tão bom quanto o seu antecessor... vampiro ou não, ele não é muito mais velho que Phoebe.

A Ordem dos Cavaleiros de Lázaro tinha sido fundada durante as Cruzadas para proteger os interesses dos vampiros em meio a um mundo cada vez mais dominado pelos seres humanos. Philippe de Clermont, companheiro de Ysabeau, tornou-se o primeiro grande mestre da ordem. Ele era uma figura lendária não apenas entre os vampiros, mas também entre outras criaturas. Uma vida à altura do padrão definido por ele era então uma tarefa impossível para qualquer homem.

– Eu sei, mas se apaixonar... – protestou Matthew, com a raiva aumentando.

– Marcus fez um trabalho brilhante, impecável. – Hamish o interrompeu. – Recrutou novos membros e supervisionou todos os detalhes financeiros de nossas operações. E ainda exigiu que a Congregação punisse Knox por suas ações aqui em maio, e solicitou formalmente a revogação do acordo. Ninguém poderia ter feito mais. Nem mesmo você.

– Punir Knox não apaga o ocorrido. Ele e Gerbert violaram minha casa, e Knox assassinou uma mulher que era como mãe para minha esposa. – Matthew engoliu o vinho, esforçando-se para afogar a raiva.

– Emily teve um ataque cardíaco – advertiu Hamish. – Segundo Marcus não se sabe por quê.

– Já sei o suficiente – disse Matthew repentinamente furioso, arremessando o copo vazio que se chocou na borda de uma das estantes da sala, espalhando cacos de vidro pelo tapete espesso. Hamish arregalou os olhos. – Nossos filhos nunca terão a chance de conhecer Emily. E Gerbert que há séculos é amigo desta família estava presente e assistiu ao ato de Knox, mesmo sabendo que Diana era minha companheira.

– Todos na casa foram unânimes em dizer que você não deixaria a justiça da Congregação seguir seu curso. Não acreditei neles. – Hamish não gostou das

mudanças que presenciava no amigo. Pelo que parecia, a estada no século XVI arrancara a casca de algumas feridas antigas e esquecidas.

– Eu devia ter lidado com Gerbert e Knox depois que eles ajudaram Satu Järvinen a raptar Diana e aprisioná-la em La Pierre. Se tivesse feito isso, Emily ainda estaria viva.

– Os ombros de Matthew retesaram de culpa. – Mas Baldwin me proibiu. Ele disse que a Congregação já tinha problemas suficientes nas mãos.

– Você quer dizer os vampiros assassinos? – perguntou Hamish.

– Sim. Ele disse que eu acabaria piorando as coisas se desafiasse Gerbert e Knox.

Os assassinatos – sem evidências de sangue e com artérias cortadas e ataques quase animalescos a órgãos humanos – tinham se tornado manchetes nos jornais de Londres a Moscou. E as matérias concentradas no estranho método de execução do assassino ameaçavam expor os vampiros ao conhecimento humano.

– Não cometerei o erro de silenciar novamente – continuou Matthew. – Se os Cavaleiros de Lázaro e os De Clermont não podem proteger minha mulher e a família dela, eu posso.

– Você não é um assassino, Matt – insistiu Hamish. – Não se deixe cegar pela raiva.

Os olhos escuros de Matthew fizeram Hamish empalidecer. Mesmo sabendo que Matthew estava mais próximo do reino animal que a maioria das criaturas que andavam sobre duas pernas, Hamish ainda não tinha visto um olhar tão parecido e tão perigoso quanto o de um lobo.

– Tem certeza disso, Hamish? – Matthew piscou os olhos de obsidiana, girou o corpo e saiu da sala.

Matthew seguiu o cheiro peculiar de raiz de alcaçuz de Marcus Whitmore, mesclado ao inebriante aroma de lilases daquela noite, e rastreou o filho até os aposentos da família no segundo andar do castelo. Sua consciência se coçava com a ideia de que Marcus pudesse ter ouvido sua conversa acalorada com Hamish. Isso porque a audição vampiresca de seu filho era extremamente aguçada. Matthew apertou os lábios quando seu nariz o levou a uma porta perto das escadas, e sufocou um lampejo de raiva que acompanhou a constatação de que Marcus estava usando o antigo escritório de Philippe.

Ele bateu na pesada porta de madeira e a empurrou sem esperar pela resposta. Com

exceção do laptop de prata brilhante sobre a mesa onde antes estava um mata-borrão, o aposento ainda se apresentava como no dia da morte de Philippe de Clermont em 1945. O mesmo telefone de baquelite sobre a mesa próxima à janela. Pilhas de envelopes com folhas de papel amareladas onde Philippe escrevia para um dos seus muitos correspondentes. Pregado à parede, um velho mapa da Europa que Philippe utilizara para localizar as posições do exército de Hitler.

Matthew fechou os olhos com uma dor súbita e aguda. O que Philippe não previra é que ele acabaria caindo nas mãos dos nazistas. Uma das inesperadas dádivas da viagem no tempo fora a chance de Matthew rever e se reconciliar com Philippe. E o preço que teve que pagar foi o recorrente sentimento de perda quando mais uma vez se viu enfrentando um mundo sem Philippe de Clermont.

Ao reabrir os olhos, Matthew se confrontou com o semblante furioso de Phoebe Taylor. Em uma fração de segundo Marcus colocou seu corpo entre Matthew e a mulher de sangue quente. O fato de Marcus não ter perdido o juízo de todo ao assumir uma companheira agradou a Matthew, pois se ele quisesse fazer alguma coisa, Phoebe já estaria morta.

– Marcus. – Matthew o cumprimentou de passagem antes de olhar para além dele. Phoebe não era o tipo habitual de Marcus, cuja preferência era pelas ruivas. – Não tivemos tempo para uma apresentação apropriada quando nos encontramos pela primeira vez. Sou Matthew Clairmont. O pai de Marcus.

– Sei quem você é. – O adequado sotaque britânico de Phoebe era comum tanto nas escolas públicas e casas de campo como nas famílias aristocráticas falidas. Por ser o idealista democrático da família, Marcus se apaixonara por uma moça de sangue azul.

– Seja bem-vinda à família, srta. Taylor. – Matthew inclinou-se para esconder um sorriso.

– Apenas Phoebe, por favor. – Em um piscar de olhos, ela contornou Marcus com a mão direita estendida. Matthew ignorou-a. – Na maioria dos círculos bem-educados, professor Clairmont, este seria o momento em que você pegaria a minha mão e a sacudiria. – Ela mostrou-se um pouco mais irritada e ainda de mão estendida.

– Você está cercada de vampiros. O que a fez pensar que encontraria civilidade aqui? – Matthew observou-a de olhos arregalados. Phoebe sentiu-se desconfortável e desviou os olhos. – Talvez você tenha considerado a minha saudação como desnecessariamente formal, mas nenhum vampiro toca a parceira ou a esposa de outro

vampiro sem permissão. – Ele olhou para a grande esmeralda no terceiro dedo da mão esquerda de Phoebe. Marcus a ganhara num jogo de cartas em Paris alguns séculos antes. Tanto no passado como no presente, uma pedra que valia uma pequena fortuna.

– Oh, Marcus não me falou a respeito – ela disse com uma careta.

– Não falei, mas lhe passei algumas regras simples. Talvez seja hora de revê-las – sussurrou Marcus para a noiva. – E já que tocamos no assunto, vamos ensaiar nossos votos de casamento.

– Por quê? Não será nesses votos que você encontrará a palavra “obedecer” – disse Phoebe secamente.

Matthew tossiu novamente antes que a discussão tomasse outro rumo.

– Vim pedir desculpas pela minha explosão na biblioteca – disse. – Eu estava muito irritado naquele momento. Perdoe-me pelo mau humor.

Era mais que mau humor, mas nem Marcus nem Hamish sabiam disso.

– Que explosão? – Phoebe franziu o cenho.

– Não foi nada – disse Marcus, mas com uma expressão que sugeria o contrário.

– Eu também queria saber se você estaria disposto a examinar Diana. Como já deve saber, ela está grávida de gêmeos. Acredito que esteja no início do segundo trimestre, mas estivemos fora do alcance de cuidados médicos adequados e eu gostaria de ter certeza. – Tal como a mão de Phoebe, o ramo de oliveira oferecido por Matthew manteve-se por um longo momento no ar antes de ser reconhecido.

– Ééé claro – gaguejou Marcus. – Obrigado por confiar Diana aos meus cuidados. Não vou desapontá-lo. E Hamish está certo – acrescentou –, mesmo que eu tivesse realizado uma autópsia em Emily, o que Sarah não quis que fosse feito, não haveria como determinar se a morte tinha sido por causa mágica ou natural. Talvez nunca saibamos.

Matthew não se preocupou em discutir, pois acabaria descobrindo o papel exato que Knox desempenhara na morte de Emily, e a resposta determinaria a velocidade com que o mataria e quanto o faria sofrer antes disso.

– Foi um prazer conhecê-la, Phoebe – ele disse.

– Igualmente. – A garota mentiu de maneira educada e convincente. Ela seria útil à família De Clermont.

– Marcus, veja Diana na parte da manhã. Estaremos esperando por você.

Matthew saiu da sala sorrindo e fazendo outra reverência fascinante para Phoebe

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Livro da Vida"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).